ANO 9.º — LISBOA — SEXTA-FEIRA, 21 DE FEVEREIRO DE 1930 — N.º 2720

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO —Rua da Rosa, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇAO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção : T. 152 / Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ENCONTRA-SE em Washington uma delegação das Filipinas presidida por Manuel Rojas. Que pretende? Que os Estados Unidos deem a independencia ao seu país, em harmonia com a promessa feita ha anos.

No Congresso, ha muitos deputados e senadores que lhe são favoraveis.

A dificuldade está no presidente Hoover que se mostra renitente.

A tal respeito escreve o director do "Japasi Advertiser„:

—"A questão da independencia é encarada pelos americanos competentes sob um duplo ponto de vista — as suas relações com a tarifa aduaneira em preparação nos Estados Unidos — e temos assim um problema economico; nas suas relações com a nossa influencia na China e com o nosso convivio com o Japão—o que a torna uma questão de ordem politica e militar„.

* * *

EM Abril proximo, será lançado ao mar em Saint-Nazaire um grande paquete para a linha do Brasil, mandado construir para a Companhia "Sud Atlantique„ e que será a ultima palavra da moderna construção naval. O novo barco, cujas linhas são muito elegantes, terá quatro chaminés e deslocará 33.000 toneladas.

A sua marcha será de 23 milhas á hora, o que lhe permitirá ir de Lisboa ao Rio de Janeiro em sete dias e meio. Dessa maneira, a viagem de Paris ao Rio, graças ao "sud-express", será apenas de nove dias e a Buenos Aires de 12. A "Sud Atlantique", logo que este paquete seja lançado ao mar, iniciará a construção de um outro igual.

* * *

O ESTORIL era até ha pouco tempo um lugar onde raras vezes se registava um furto ou qualquer ocorrencia desagradavel em que tivesse de intervir a policia.

Ultimamente, porém, começaram a dar-se naquela estancia de vilegiatura roubos e assaltos em pleno dia, e de que têm sido vitimas principalmente senhoras.

Torna-se absolutamente necessario, para que tais factos se não repitam, que o sr. administrador do concelho mande policiar devidamente a area onde tem superintendencia, a fim de que o bom nome daquela estancia de turismo e vilegiatura não sofra com as desagradaveis ocorrencias que ali se têm dado.

* * *

NA assembleia geral que hoje se realiza, do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, requerida por onze socios para se ocupar de assuntos que se prendem com a proxima visita dos jornalistas belgas a Lisboa, deve ser lido um documento afirmando a confiança da classe na actual direcção, constituida por jornalistas que honram a sua profissão e pretendem apenas prestigiar a sua associação de classe.

Esse documento é assinado por cêrca de 60 jornalistas, entre os quais se contam alguns dos mais prestigiosos elementos da classe.

PAZ ECONOMICA

O representante de Portugal na Conferencia da tregua aduaneira, em Genebra, declarou que nós não podemos aceitar a proposta de abdicação proteccionistas, visto que, se tal fizessemos, serviriamos os interesses dos outros, com prejuizos dos nossos.

O sr. dr. Armindo Monteiro, colocando-se no terreno das reservas, procedeu como devia, aliás o produto estrangeiro criaria á nossa industria uma situação angustiosa em que viria a sucumbir. Os belos sonhos têm uma sedução aparente que ilude os espiritos superficiais. O livre-cambismo rigido ou atenuado conduz fatalmente os paises fortes a uma verdadeira exploração dos paises fracos — mais consumidores que produtores.

Se nós caíssemos na esparrela de seguir a miragem que representa o novo ideal de paz economica, incompativel com as aspirações do trabalho nacional, breve ofereceriamos á Europa e ao mundo um exemplo de miseria, operada por artificiosos deslumbramentos e enganos que até nos cobririam de ridiculo. Lembremo-nos do que foi para nós o tratado de Methwen que nos trouxe mais danos que as guerras contra Napoleão.

Como é que ousariamos concorrer com algumas nações apetrechadas industrialmente e que reunem todas as condições para esmagarem uma nação que, por enquanto, se refaz das suas exportações de ouro, com a moeda dos emigrantes?

Para ás nossas materias primas é possivel que não escasseassem mercados nem compradores, mas que saídas restariam aos nossos produtos?

E' muito bonito dizer-se:

—Abaixem-se as barreiras alfandegarias, a fim de que os povos se encarem como amigos e não como inimigos!

A amizade tributada ás vitimas da livre concorrencia seria bastante parecida com a que nos *rings* o vencedor tributa ao vencido. Em todas as épocas, a independencia e a segurança das nações assentou primariamente sôbre a sua riqueza, conquistada e defendida á custa de grandes sacrificios, e não sôbre idealismos vagos e perigosos, destinados a preparar o terreno em que os incautos sofrem o castigo das suas imprudencias.

A atitude do sr. dr. Armindo Monteiro não deve constituir caso unico, pois que a propria Suiça, pela voz autorisada do sr. Schulthess, moderou o entusiasmo dos que aguardam a tregua aduaneira como o unico remedio para o mal-estar mundial. O *Journal de Genéve,* que aplaude o seu compatriota sem restrições, sustenta que o seu país não pode prescindir das vantagens tarifarias e que são de três especies: — 1.º, Procurar recursos ao Estado (imposto indirecto). 2.º, Proteger, em maior ou menor grau, a industria, a agricultura e o trabalho. 3.º, Fornecer uma arma de combate diplomatico para obter a diminuição ou a limitação das tarifas dos outros Estados.

Convém tambem acrescentar que a prosperidade dos povos é um elemento de maior eficacia para equilibrar a expansão e o desenvolvimento dos govêrnos ambiciosos que a penuria de uns provocada pelo materialismo inexoravel dos outros.

— Não diga isso, minha senhora ... O dinheiro nem sempre faz a felicidade. A minha mulher, por exemplo, foi o dinheiro que a matou.

— ?!

— Sim, senhora. Enguliu um pataco em cobre.

O sr. general Teixeira Botelho, presidente do Conselho Tutelar do Exercito e Marinha, esteve esta tarde, em visita oficial de inspecção no Instituto dos Pupilos do Exercito, sendo recebido pelos srs. coronel Freitas Soares e tenente-coronel Barreto de Oliveira, respectivamente, director e regente e por quasi todos os professores e oficiais ali em serviço.

Após uma troca de saudações entre os srs. general Teixeira Botelho e coronel Freitas Soares, iniciou-se uma demorada visita ao Instituto, cujas oficinas e aulas se encontravam em funcionamento merecendo justas e agradaveis referencias ao Presidente do Conselho Tutelar do Exercito e Marinha.

* * *

O LIVRO de Bourbon e Meneses — *A ronda da noite* foi hoje posto á venda. Quatro belos contos: "José Francisco„, "O Filho„, "A Viela„ e "O Passado„.

Embora dum realismo cru, ás vezes, ha em todos eles a emoção bem ardente e bem humana dum escritor que entende servir ao mesmo tempo a Bondade e a Belesa. Bourbon e Meneses, que o publico tanto presa e admira, vai obter um verdadeiro exito—perante a critica e o leitor.

* * *

MAIS um livro do sr. dr. Carlos Santos acaba de vir a lume. Intitula-se "Como eu vi a Italia„. E' uma obra escrita com observação e estudo e serve aos que viajam—como recordação—e aos que não o podem fazer, para lhes mostrar belezas ainda desconhecidas aos seus olhos. O livro pertence á serie de "Como eu vi a Russia„ e "Como eu vi a França„.

* * *

NO rapido de Madrid, partiu hoje para aquela capital, de onde segue para Paris, acompanhado de sua esposa, o sr. Augusto Leguia, encarregado de Negocios do Peru em Lisboa, e filho do Presidente da Republica daquele país.

* * *

E' HOJE que o sr. dr. Sousa Costa se ocupará, em conferencia, na Sociedade Nacional de Belas Artes, de alguns aspectos da paisagem trasmontana.

O Gremio de Trás-os-Montes prossegue assim a obra de propaganda regional que tão inteligentemente iniciou.

* * *

O SR. coronel João de Almeida foi nomeado para exercer o lugar de vogal da comissão executiva do conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, vago pelo falecimento do engenheiro Costa Serrão.

* * *

COM destino a Berlim, onde vai passar umas pequenas férias, seguiu hoje, no *Sud-Express,* acompanhado de sua esposa, o sr. Barão de Baligand, ministro da Alemanha em Lisboa.

* * *

SEGUIU para Angola, em serviço profissional, o nosso prezado camarada Pinto Quartin, a quem desejamos feliz viagem e as maiores prosperidades.

Radiotonia

Programas escolhidos

PARA ESTA NOITE, recomendamos especialmente aos amadores a audição das seguintes emissões estrangeiras:

A's 19,00, em **Koniges Wusterhausen** (1.635 m.): concerto sinfonico pela Orquestra Filarmonica de Dresde (Haydn, Mendelssohn, Tchaikovsky, Berlioz, Liszt).

A's 19.15. em **Varsovia** (1.411 m.): Grande concerto sinfonico (Beethoven, Wagner, Mozart).

A's 19,30, em **Berlim** (417 m.): «O Trovador», opera em quatro actos, de Verdi. Em **Milão** (5.00 8 m.), concerto sinfonico, retransmitido por **Turim** (272 m.): «Sinfonia em sol menor» (Mozart); «Concerto para piano e orquestra» (Schumann); «Tocata Clair de Lune» (Debussy).

A's 20,00, em **Radio-Paris** (1.726 m.): «Um aspecto do genio de Chopin», palestra com ilustrações fonograficas, por Pierre Blois. Em **Londres** (356,3 m.) e **Daventry 5 X X** (1.554.4), transmissão do Queen's Hall: «Setima sinfonia, em la» (Beethoven); «Concerto para piano e orquestra» (Toch); «Variações sôbre um tema de Mozart» (Max Reger).

A's 20,30, em **Königsberg** (276 m); musica de camara (um quarteto de Beethoven).

A's 20,45, em **Stuttgart** (360 m.) e **Francofort** (390 m.): recital de violino e piano (sonatas de Beethoven e Cesar Franck).

Em **Paris P. T. T.** (447 m.). festival polaco de canções populares, dirigido por Sidzfev (obras de Chopin e Mickiewicz).

A's 21,00, em **Toulouse** (381 m.) transmissão do concêrto dado no Teatro do Capitólio, dirigido por Ayné Kune.

A's 22.00 em **Madrid** (424 m.) grande concerto sinfonico (Beethoven, Wagner, Tchaikovsky, Stravinsky e Ravel).

NO COLISEU

O exito do novo programa

Apresentou ontem, no Coliseu dos Recreios, um programa completamente novo a grande Companhia de arte moderna que ali tem obtido um extraordinario sucesso e que exibiu numeros de raro bom gosto e de fantasia.

Cheio de movimento e de animação o novo programa brilha pela arte, pela elegancia e pela beleza que todos os artistas lhe dão, principalmente o grande artista negro Harry Flemming, o maior bailarino da actualidade, e Halina Dorsowna, a grande estrela do Folies Bergéres, de Paris.

No domingo realiza-se a primeira "matinée" com o novo programa.

Grande Hotel d'Italia
Mont'Estoril

—Não altera o paladar ao tabaco
—Não lhe tira o aroma
—Não irrita a garganta
—Não intoxica os pulmões
—Os fumadores que presam a sua saude só fumam o papel KALIFA

ESTORIL
Hotel do Parque

ENCERADORA

Encarrega-se de aplainar, raspar, polir e encerar soalhos, mobilias, lambrins, oleados, portas, alizares, etc.

Modificam soalhos de taboa larga para estreita (sistema inglez) e executam todos os trabalhos com pessoal devidamente habilitado em qualquer ponto do País, enviando orçamentos gratis.

Preços modicos

47-E, Avenida da Republica, 47-F

Telefone N. 5815 LISBOA

A MUSICA

AS COMEMORAÇÕES

em honra de Marcos Portugal

E' quasi caso para dizer-se «ainda Marcos Portugal!...»

E' que nos veio ha pouco ás mãos o ultimo numero da «Arte Musical»,—5.º da sua existencia,—e vêmo-lo quasi todo dedicado ao celebrado compositor português de cuja morte se acaba de comemorar o primeiro centenario. E assim albergadas de braço dado nas mesmas folhinhas, vemos apreciações duma infinita variedade.

Por entre essas comemorações literario-biograficas,—não esquecemos os discursos e as conferencias realizadas no Conservatorio na tarde do centenario pelos srs. Viana da Mota, Herminio do Nascimento, Joaquim Manso e Luís de Freitas Branco,—crescem ainda as suas proporções e merece o mais rasgado elogio a tarefa a que Fernandes Fão meteu ombros, conseguindo reunir material suficiente para que o programa do seu ultimo concerto sinfonico fosse todo composto de obras de Marcos Portugal.

Como muito acertadamente o fez reparar o conferente dessa tarde, compositor, musicologo, professor e ensaiador de coros Sampaio Ribeiro, o conhecimento que nos ficava de Marcos Portugal era puramente de tradição, servindo para alguns de aureola a sua gloriosa carreira, desprestigiado por outros pela desconfiança da inspiração que se cinge ás encomendas e do estilo que se doma á moda do tempo,—quando, para apreciar sem injustiça seja qual obra fôr, é indispensavel o conhecimento directo, ou pelo menos o conhecimento transmitido com séria e segura posse do assunto.

Agora, e até que enfim! foi a musica de Marcos de Portugal que se fez ouvir, confirmando afinal o direito e o reverso da medalha. Arte amena, em que a parte orquestral corre, facil e leve, sobre formulas singelas que não havia pejo em repetir com exagero, sob as mais dramaticas situações como sob os episodios ligeiros. Era assim a musica que servia de goso e descanso, servindo-se com inegavel talento dos pardões já criados por Gretry, e sobretudo Cimarosa, Paesiello e o genial Mozart.

Já que recordamos o valioso empreendimento de Fernandes Fão, mencionaremos os seus colaboradores vocais,—D. Beatriz Baptista, que teve muito mérito em substituir á ultima hora D. Raquel Bastos, José Maria Rosa, que faz progressos, Alberto Denis Guerreiro, que não faz progressos,—e é pena!—e D. Ester Benoliel, jovem estreiante que para todos foi uma revelação.

FRANCINE BENOIT

Concêrto Rui Guedes

Realizou-se a 12 do corrente, no Salão Nobre da Liga Naval, o anunciado concerto de Rui Guedes, com a colaboração das sr.as D. mma Romero Santos Fonseca, D. Elsa Penchi Levy, D. Maria Duarte de Almeida, D. Eugenia Guedes dos Santos, D. Aida da Fonseca Romero, e srs dr. Camara Reis e Edgard Duarte de Almeida.

Temos prazer em registar o lisongeiro acolhimento que Rui Guedes e os seus colaboradores obtiveram; transcrevendo da cronica do nosso presado colega Alfredo Pinto (Sacavem), no «Jornal do Comercio e das Colonias», a passagem referente a Rui Guedes:

«Desde a primeira vez que ouvimos o sr. Rui Guedes notamos-lhe uma agradavel voz de tenor lirico, de lindo timbre e sôbretudo uma inteligente interpretação das obras, que não é muito vulgar.

Não abundam entre nós os tenores, por isso quando aparece um que se «possa ouvir», temos que nos considerar felizes. Eu penso que não são as grandes vozes que mais devem agradar aos entendidos. O que nós desejamos é «arte», que possa servir se da voz como um instrumento a fim de tirar todos os efeitos e detalhes devidos. Ora, desde que haja talento e boa tecnica vocal, seja num salão ou num teatro, o cantor ha-de figurar por força. Apontarei dois tenores que estiveram em «S. Carlos», Cártica e Carpi, o primeiro com magnifica voz e sem talento, o segundo pequena voz e feia, e notavel frasear. Cártica ouvia se apenas, o segundo fascinava, levantando a plateia!

Rui Guedes não é um artista, apenas um amador mas tendo grandes disposições sabendo as aproveitar.

Neste concerto todo dedicado aos «Cantores de Italia», o sr. Rui Guedes cantou alguns deles, muito bem, equilibrando com arte todos os cambiantes.

Foi muito aplaudido tendo que bisar alguns numeros.

Nós que somos pouco aptos para adjectivos inuteis, como lemos tantas vezes, pode o distinto tenor estar certo que somos justos na nossa apreciação».

... ...

Alfredo Pinto (Sacavem)

Vecsey, amanhã, no Tivoli

O concerto sinfonico da grande orquestra dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco de amanhã no Tivoli constitui uma das mais belas tardes desta temporada pois toma parte o celebre violinista hungaro Feernc de Vecsey, um dos maiores concertistas da actualidade o verdadeiro mago do violino como lhe chamam a critica e o publico de toda a Europa e dos Estados Unidos, que nos fará ouvir um autentico Stradivarius, datado de 1716, que pertenceu ao marechal Berthier, general de Napoleão, e considerado o de mais pureza de som e de maior vibratibilidade dos rarissimos que existem. Acresce ainda que Vecsey é hoje o interprete consagrado de Bach, de Mendelssohn e de Paganini, e notabilissimo pelo magistral fraseado, maravilhosa compreensão musical, de grande nobreza classica ao mesmo tempo que posui como nenhum outro a naturalidade, a facilidade, o som nitido, quente, aveludado a que se junta uma extraordinaria virtuosidade. Vecsey toca o «Concerto em mi menor», de Mendelssohn, o «Concerto em sol menor», de Max Bruch, o «Preludio da 6.ª sonata», de Bach e o 13.º e 24.º «Capricho» de Paganini. O programa da orquestra é o seguinte: «Istar» variações sinfonicas de Vincent d'Indy; «Principe Igor», ouverture de Borodine e o «Poêma Sinfonico á Memoria de Schubert», premiado no concurso de Viena de Austria por ocasião da celebração do centenario de Schubert. Bela tarde de entusiasmo e de elegancia a de amanhã no Tivoli.

Sucursal do Café Tavares

Almoço .... 8$00
Jantar .... 10$00

Serviços para fóra

RECEBEM-SE PENSIONISTAS, DESCONTOS ESPECIAES

ALVAIADE ELEFANTE A MELHOR MARCA

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Judite Pereira Caldas Correia de Lacerda, D. Maria Amelia da Costa Blanch, D. Maria Sofia de Meneses Cardoso e Silva (Godim), D. Maria Candida Leite de Castro e D. Maria de Meneses e Vasconcelos.

E os srs.:

Dr. Pedro Vicente de Morais Campilho, Antonio de Oliveira Soares, Eduardo Quintela de Mendonça, Fernando Pinto Leite Homem de Almeida, Manuel Maria Augusto da Silva Bruschy e Vasco da Cunha Pinto Cardoso.

Concertos elegantes

No Avenida Palace

Está despertando grande interesse no meio mundano o «Souper Dansant» que a direcção do Avenida Palace Hotel resolveu organisar para as noites de amanhã e de 1 de Março, nos seus magnificos salões do «restaurant» e de «fumo».

Em virtude do grande numero, de inscrições já recebidas por parte de numerosas familias, e do facto de esta «soirée» oferecer mais o atractivo de ser um «Souper Travesti» sem mascara, ou com «tenue de soirée de rigueur», dando assim uma nota de originalidade e de elegancia, tudo leva a crer que venha a ser ainda mais concorida que o «Reveillon» do Ano Bom, em que a entrada do ano foi festejada num belo e alegre ambiente, e num quadro de conforto e de elegancia.

A Caridade

Nas Belas Artes

Estão despertando extraordinario entusiasmo na nossa sociedade elegante as três «matinées» de Carnaval que se realisam na Sociedade das Belas Artes, á rua Barata Salgueiro, nas tardes de Domingo Magro, Domingo Gordo e Terça-feira.

Todo o seu produto liquido reverterá a favor dos pobres, das orfãs, do Instituto dos Leprosos e outras instituições de Beneficencia cristã.

As duas orquestras «Jazz-bands», hum conjunto de 14 figuras, apresentarão pela primeira vez seis harmoniuns, que hão de dar uma nota alegre e de ruido ás festas encantadoras das Belas Artes, a principiarem no proximo domingo, 23.

Durante os bailes poderão circular no espaço cêrca de quinhentos balões a côres, que foram encomendados e que se vendem.

Produzir-se-ha um filme dentro do salão com varios aspectos da assistencia do baile infantil, devendo encontrar-se na sala, ás 16 horas precisas, as crianças que nele queiram tomar parte.

36 premios são distribuidos ás crianças mais bem vestidas, ás 16 horas e meia em ponto, e só um dos lados do vasto «hall» das Belas Artes é destinado ao baile infantil.

Os salões serão abertos ás 14 horas e meia.

A lista dos premios é a que segue: Para meninos — 1.º, um automovel dos maiores e completo; 2.º, um triciclo encarnado, dos maiores; 3.º, farda de guerreiro; 4.º, carrinho de braços, alemão, de 4 rodas; 5.º, carinho inglês e 6.º, uma «trotinette».

Para meninas—1.º, uma biciclete encaranada; 2.º, uma rica e encantadora boneca; 3.º, um carrinho de berço com outra boneca; 4.º, um lindo e completo estojo de costura; 5.º, uma maquina de costura das mais perfeitas; 6.º, um pedalcar.

São organizadoras destas atraentes «matinées», as senhoras D. Emilia Carolina Neto Afonso Pereira Coutinho e D. Maria Luisa de Mendonça, e fazem parte do juri as senhoras duquesa de Lafões, condessa de Mafra, viscondessa de Maiorca, viscondessa de Santarem, D. Maria Domingas de Portugal de Sousa Coutinho (Borba), D. Maria Ana Cabedo Pereira da Cunha, D. Ana Teles da Sylva (Tarouca), D. Maria da Conceição de Abreu Pereira Coutinho e as duas promotoras.

Reservam-se cadeiras em qualquer lugar, pagando á porta por cada uma 2$50, e prevenindo com tempo a comissão pelo telefone N. 1850.

Reservam-se mesas.

Os preços por pessoa, sem reserva de cadeiras, é de dez escudos; por criança até 6 anos, de cinco escudos. Ha cêrca de mil e duzentas cadeiras gratuitas.

Os poucos bilhetes que restam podem pedir-se pelo telefone N. 1850.

Festa nautica

Realizou-se na tarde de domingo ultimo na praia de Pedrouços, a inauguração de uma nova instalação nautica do Club Nautico de Portugal, iniciativa dos srs. Charles Bleck, comodoro e Mario de Noronha, presidente, a qual decorreu no meio da maior animação. Depois da inauguração realizaram-se em frente da praia varias regatas que despertaram na selecta assistencia vivo interesse, recebendo os vencedores e vencidos fartos aplausos. Na assistencia recorda-nos ter visto entre outras pessoas as sr.as:

D. Maria Leonor da Silveira e Lorena de Magalhães Correia e filhas, madame Lafayete de Carvalho e Silva, condessa de Castelo Mendo, D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, D. Isabel Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Sara Burnay Paiva de Andrada e filhas, D. Virginia Duff Burnay Teixeira, D. Helena Maria Gandon Duff Burnay, D. Clementina Mayer Bleck, D. Ana Reynolds de Sousa de Lancastre, D. Maria das Dores de Melo e Castro Trigoso e filha, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Emilia de São Paio da Costa Pinto, D. Maria José Lobo da Silveira Bleck, D. Raquel Duff Burnay, D. Maria Amelia Lima Santos, D. Maria da Conceição de Carvalho Rica, D. Maria da Conceição de Lima Santos Teixeira, mesdemoiselles Lancastre (Louzã), etc.

PRATAS ARTISTICAS
Reis, Filhos — do Porto
Representante, venda e deposito:
Ourivesaria ELOY DE JESUS
43 — R. GARRETT — 45

O CLARO-ESCURO ANIMADO

A semana cinematografica

Um filme português

Em ultima analise, um critico é apenas um espectador responsavel. E é como espectador responsavel pela opinião a emitir que me permito recomendar a todos os que em Portugal se interessam pelo cinema a maior atenção para um filme português que se anuncia: «Vêr e Amar».

«Vêr e Amar» é o primeiro filme português da temporada. E' o primeiro — mas não será o o ultimo. Outros se anunciam tambem, rodeados dum entusiasmo prometedor. «Vêr e Amar» foi contudo o ultimo a ser empreendido. Ha pouco mais dum mês que começaram os trabalhos da sua realização. Isto diz do esfôrço que ele representa.

«Vêr e Amar» reune ainda outros elementos de capital interesse. E' o primeiro filme português em que os «interiores» predominam, interiores completamente construidos e filmados dentro dum pequeno estudio improvisado. A iluminação artificial desses interiores mereceu especialissimo desvêlo. Os animadores de «Vêr e Amar» preocuparam-se principalmente em conseguir dotar o seu filme duma fotografia que o não envergonhasse perante os filmes estrangeiros. E podemos afirmar que o conseguiram.

Além disso, a singela historia em que se fundamenta; a justa interpretação dada a figuras bem lisboetas, mas que encontram réplicas em toda a parte, por um grupo de artistas amadores e profissionais; a hábil direcção e a montagem feliz de Chianca de Garcia; os curiosos «décors» em que decorre a acção, tornam «Vêr e Amar» merecedor do carinho dum publico exigente, por principio — principalmente em se tratando de obra nossa. — R.

«O Coração Ardente»

Quando vimos este filme pela primeira vez, foi profunda a impressão que nos causou. Voltámos a vê-lo e em nada essa impressão diminuiu.

Filme alemão, chega a parecer impossivel que outros cerebros e outros corações diferentes dos latinos possam conceber e sentir um cinedrama tão humano e tão suave — porque, felizmente, o belo ainda existe sôbre a Terra.

Quem se lembrar de esquadrinhar minuciosamente o entrecho do *Coração Ardente* em cata das inverosimilhanças e dos deslizes da lógica, ou é um maçador, ou é um imbecil. Tudo ali interessa, prende e enternece, desconcertando o nosso senso por saturação da nossa sensibilidade.

Ludwig Berger, animador desse extraordinario *Sonho de Valsa,* ensenou este filme com excepcional amor, na intenção, plenamente conseguida, de se reabilitar dos seus fracassos americanos. A sua técnica é excelente, pela unidade, variedade e segurança. A fotografia é impecavel, como de resto o nome do operador, Curt Courant, facilmente deixava prever. E a interpretação não podia ser melhor.

Mady Christians, que já fôra a protagonista de *Sonho de Valsa,* voltou a encontrar no *Coração Ardente* um filme digno da sua ternura. Gustav Frohlich deu ao compositor George Wittig todo o seu entusiasmo juvenil. E', até agora, o seu melhor papel. O «par» por eles formado — já tivemos ocasião de escrevê-lo — personifica perfeitamente o amor cinematografico ideal — o amor a dezasseis imagens por segundo.

O efeito conseguido por Juan Fabre, que adaptou satisfatoriamente todo o filme, com a introdução dum gramofone na scena principal, pode dar aos espectadores sensiveis uma reduzida noção da «qualidade emotiva» que é possivel obter com o cinemafónico.

UMA EPOPEIA DA VIDA QUOTIDIANA

"A MULTIDÃO"

filme de King Vidor

Quando se nos depara um filme como «A Multidão», obrigamo-nos a analisá-lo mais como uma «obra humana» do que propriamente como «um filme cinematografico». Perante «A Multidão», — como perante «A Mãe», «O Circo», «A Quimera do oiro», «O Couraçado Potiemkine», «Opinião publica», — é perder tempo discutir a tecnica ou a interpretação do filme. O realizador King Vidor já prestára as suas provas. Mas «A Multidão» revela-nos um filosofo que desconheciamos: King Vidor.

Se um paralelo ousado me permitem, comparemos Charlie Chaplin com Sócrates, King Vidor com Platão. Para ambos, como para os dois filosofos gregos, deve levar-se primeiramente o homem ao conhecimento do proprio êrro e, depois, ao descobrimento e aquisição da verdade. Apenas a linguagem silenciosa das imagens vivas substituiu a linguagem sonora das palavras.

André Levinson, numa critica modelar, feita ao primeiro filme sonoro de King Vidor, «Halleluia», definiu assim «A multidão»: «...quadro simbolico da cidade moderna, deserto povoado em excesso, onde a alma vagueia solitaria e sem abrigo». Este justo paradoxo pode servir de réplica á frase «leit-motiv» dos livros de Dostoievsky: «Cada um de nós é responsavel por todos os outros». King Vidor conclui, na «Multidão», que «todos os outros são tambem responsaveis por cada um de nós».

«A Multidão» foi sempre—relevem-me, á conta das minhas bôas intenções, a impropriedade do termo —uma personagem tentadora para os cineastas. Mas quasi todos fracassaram ao tentar foca-la. Os mais felizes fôram Ruttmann e Vertoff, surpreendendo pacientemente a multidão real, que nos revelam «A sinfonia duma capital» e «O homem com o aparelho cinematografico». Fritz Lang, pretendendo animar a multidão fantastica da cidade futura concebida por Thea Von Harbou, falhou em «Metropolis», «pelo ridiculo de querer apresentar o homem, como um deus, e nisso acreditar», como escreveu René Schwob.

King Vidor não acredita que o homem seja um deus. Considera-o um elemento infimo da multidão, que por sua vez é minuscula em relação á natureza. A sua personagem, Johnny Sims, mostrou-a sempre apagada, perdida, vogando ao sabôr dum mar imenso de homens, mar impetuoso, embrutecido pelas necessidades animais comuns, egoista, indiferente á sua dôr, só lhe cubiçando as passageiras alegrias; porque essas, sim, quere a multidão compartilha-las, invejando-as, perturbando-as, roubando-lhas, tornando-as amargas pelo despeito ou pela troça. Vemos assim, no filme, a malta rindo desalmadamente dum beijo sem veneno, ou cochichando cinicamente durante a sua noite de nupcias.

Johnny Sims sofre, como La Bruyére, «essa grande desgraça de não poder estar só». Ama no bulicio tresloucado do Luna-Park; trabalha armazenado num arranha-ceus onde se sobrepõem multidões; não pode gosar serenamente o seu «week-end», nem passar em sossêgo a noite de Natal; não pode mandar calar a multidão que passa, gritante, vertiginosa, — não deixando sequer que uma criança morra em paz.

As suas reacções contra o meio que o absorve, que o cansa, que o inutilisa, só afectam directamente aqueles a quem mais quere, os que a ele se ligam pelo sangue: a mulher e os filhos. As reacções de Johnny Sims, como as de Timur, em «Tempestade na Asia», descrevem uma «curva» que se vê evoluir como no mais claro grafico, em todas as scenas de «A Multidão». O seu nascimento (o pai que sonha para o filho um futuro brilhante, igual ao que sonhou para si e ao que ele ha de sonhar tambem); a morte do pai; o idilio despreocupado (quando ele ainda não sente a presença dum mundo estranho e implacavel e julga ingenuamente poder construir «um mundo seu«); as «petites miséres» da vida quotidiana; a morte da filha; o esgotamento; o desemprego; o desespero; o desprêso da mulher; as ideias negras; a consciencia do devêr paternal; — e a coragem que volta, a esperança, a fé num futuro melhor, num futuro que nunca vem, mas que ele espera, procurando atraí-lo, fabricá-lo, cumprindo o seu destino mesquinho de homem qualquer.

* * *

«A Multidão» é uma verdadeira epopeia da vida quotidiana. King Vidor teve a inteligencia, a elegancia, o pudor de nunca descer ao réles, ao grosseiro, — nem mesmo quando foca o detalhe do autoclismo avariado. No seu filme ha genio e ha talento. Os seus interpretes, James Murray e Eleonor Boardman, fôram tão grandes, como artistas, como pequenas são as personagens que interpretam.

René Bohet comentou musicalmente com a competencia proverbial o espantoso filme de King Vidor. A valsa de «Rose Mary» é um tema de amor tão justificado na «Multidão» como no «Homem da Manivela». Para classificar a execução da «Pavane pour une infante défunte», de Ravel, na scena em que Mary volta para casa, só ha uma palavra: insubstituivel. A «Pavane» dá toda a serena gravidade, a graciosa doçura de além-tumulo que era preciso evocar em semelhante transe.

O publico não soube apreciar «A Multidão». A multidão nunca sabe julgar-se a si propria. Mas cada um de nós viveu, como em frente dum espelho, a sua propria tragedia de todos os dias, luta sem tréguas contra a multidão que nos rodeia, sofrendo com o cerebro e com o coração, como se eles fôssem o cerebro e o coração de Johnny Sims. — A. R.

«Rapsódia Húngara»

O valor do tema escolhido por Erich Pommer para esta super-produção da Ufa pode considerar-se duplamente grande, sob dois pontos de vista diversos, mas afins: cinematografico e musical. Inspirado directamente na poesia da campina hungara, o filme encontra um comentario, mais do que um comentario, um paralelo imediato, exacto, néssas obras primas de graça e colorido, que honram o génio criador do homem: as «Rapsódias Hungaras» de Franz Liszt.

O filme é de facto uma *Rapsódia Hungara* — rapsódia de imagens belas por sua beleza, admiravelmente compostas por Hans Schwarz.

Essas imagens, ora serenas, ora agitadas, ora duma brandura mansa, ora duma violencia impetuosa, compõem uma verdadeira rapsódia cinegrafica em que perpassa o bucolismo, o luzimento militar, o sentimentalismo romantico, a alma e a raça, enfim, das coisas e das gentes nascidas nessa extraordinaria nação que é a Hungria.

Visto sem acompanhamento musical — «a sêco», como dizem certos cinéfilos que erraram a vocação —, o filme de Hans Schwarz não perde em nada o seu valor. Mas isto não significa que, acompanhado por musica propria (uma vez que quem a escolha e dirija tenha a inteligencia de Julio Canhão), o espectaculo não ganhe cem por cento do seu interesse.

Existe de facto uma concordancia perfeita entre as scenas e os andamentos, os planos e os compassos, as imagens e os sons, do filme e da partitura. As «Rapsódias» de Liszt e de Popper, as «Czardas» de Monti e de Michiels, as «Valsas» de Oscard, Richard e Johan Strauss, evocam as searas doiradas, os bosques perfumados, as aguas murmurantes, o sol ardente como sangue namorado, as noites calmas como uma epiderme de mulher, em que o ar parece impregnado de suspiros e de beijos, as alegres canções dos ceifeiros e dos hussares, as festas regionais, devotas e pagãs, tudo o que fica para além do Danubio e para lá dos Carpatos. E tudo isso se vê, e se sente, no filme.

Lil Dagover compreendeu admiravelmente a sua «Generala», duma maturidade sensualmente bela. Milly Fritsch vestiu garbosamente o seu uniforme e soube ser o fogoso rapaz que já não é. Dita Parlo ultrapassou de longe as esperanças de *Manolesco:* meiga, delicada, feminina, amou, sacrificou-se e foi feliz.

Assim, as ideias, e as imagens, materialisação de ideias, e a musica, espiritualisação de imagens, de poetas, de cineastas e de compositores, reunidas em *Rapsódia Hungara,* geraram um dos mais agradaveis espectaculos a que é possivel assistir.

«Os quatro filhos»

Se a realização de John Ford pode ser considerada como uma das mais limpidas e belas, pelo estilo e pela técnica, que ilustram a cinematografia, o argumento de *Os Quatro Filhos,* de inspiracção guerreira e todo em diplomaticas concessões para Sila e Caribides, atenua grandemente o mérito do filme.

O prémio da «Photoplay» só se compreende por um antipatico e tendencioso movimento de propaganda ao plano Young.

Sem os inverosimeis excessos pan-americanos, *Os quatro filhos* seria uma obra realmente grande. As primeiras partes maravilham. A invocação dos quatro filhos assombra. E Margareth Mann compôz uma figura inolvidavel, que apetece guardar no «Album da familia».

RETARDADOR

Vá vêr! Vá ouvir! Vá admirar!

Rapsódia Húngara

Filme de Hans Schwarz
Produção da U. F. A.

no

CENTRAL cinema

GIMNASIO Telef. T. 914

HOJE—A's 9 3 4

1.ª representação da super-comedia, em 4 actos, de SACHA GUITRY, tradução de ALVARO DE ANDRADE

O BRANCO E O PRETO

A Cidade

BEBA **SALUS** (VIDAGO) A MELHOR AGUA MINERAL

Chá das cinco

A velhice e a mocidade

Anda agora muito em voga o inquerito sôbre variadissimos assuntos—literarios, scientificos, sentimentais—e cada um dá a sua opinião sôbre coisas em que talvez não tenha pensado dois minutos durante a sua vida. O "A B C" pregunta, por exemplo, se o amôr nasce no cerebro ou no coração. E dirige o inquerito aos medicos, que são quem menos pode conceder ao coração atribuições sentimentais.

Em revistas estrangeiras interroga-se qual é a melhor idade da vida e ha quem tenha a "crânerie" de responder que é a velhice, conformando-se orgulhosamente com o presente ou reservando-se o futuro, se o interrogado é novo ainda.

Ora isto parece-me um paradoxo, porque para a velhice ser melhor do que a mocidade, ou pelo menos não ser pior, é porque conservou fisica e naturalmente os atributos que em geral só a mocidade possui plenamente: a saude, o vigôr, a alegria, o gosto de viver.

Se a vida, dia a dia, mesmo quando ainda se não é velho, nos vai roubando um pouco dessa confiança, dessa ilusão, que põe em tudo um maravilhoso colorido!... Mesmo quando se vence e se marca um lugar no meio em que se vive, á medida que o vencedor confia em si proprio, mais desconfia dos outros, e essa velhice é que é inevitavel e não poupa ninguem. Eu creio que a saudade que os velhos têm do seu tempo não é por que ele fôsse melhor ou pior, é porque era tempo unico na vida, o tempo dos vinte anos.

Maria de Carvalho

IMPRENSA
«dos novos»

Inicia a sua publicação em Lisboa na segunda semana de Março, a revista de letras, arte e critica, «dos novos», cujo aparecimento é aguardado com o maior interesse.

A sindicancia á Bolsa Agricola

Temos em nosso poder uma carta do sr. José Mateus Fernandes, sôbre o caso da Bolsa Agricola, carta que ámanhã publicaremos.

BOLSA DE LISBOA
21 de Fevereiro
CONTADO

Valores	Efectuado	Comprad.	Vendedor
P. Int. 6 ½ 0/0 1923 O.	900$50	900$00	—
P. Ext. 3 0/0 1.ª série...	930$00	929$00	931$00
P. Ext. 3 0/0 2.ª série...	—	928$00	—
P. Ext. 3 0/0 3.ª série...	—	1.018$00	—
Banco Com. de Lisboa.	—	450$00	485$00
Banco Lisboa & Açôres	—	495$00	510$00
Banco de Portugal.........	1.020$00	1.020$00	1.025$00
Banco Port. e Brasileiro	—	—	—
C.ª C. F. de Benguela	—	—	1.550$00
C.ª C. F. N. L. 3 0/0 2.º g.	—	70$50	71$00
C.ª das Aguas de Lisboa	—	3.0$00	370$00
C.ª Gaz e Electric., cou.	264$00	264$00	—
Soc. Industrial Aliança	—	192$50	194$00
C.ª Portugal e Colonias	114$00	113$50	114$50
C.ª Nac. de Navegação	273$00	272$00	276$00
C.ª Tabacos de Portug.	551$00	—	556$00
C.ª Portug. de Tabacos	375$50	375$00	375$50
The Match Tobacco T. S. C.º........	100$50	100$00	101$00
A Tabaqueira..............	—	500$00	510$00
C.ª Amboim................	105$00	104$50	105$00
C.ª Col. Buzi 1.ª emissão	70$50	70$00	70$50
C.ª Col. Buzi 2.ª emissão	70$00	70$00	70$50
C.ª de Seguros Sagres...	—	1.150$00	—
C.ª de Seguros Mundial	—	375$00	420$00
C.ª Ilha do Principe...	400$00	—	402$00

CAMBIOS
NOTAS ESTRANGEIRAS

PRAÇA	Compra	Venda
Londres	108$00	108$50
Paris	$86,9	$87,4
Madrid	2$72	2$76
New-York	22$10	22$28
Zurich	4$25	4$31
Roma	1$14	1$17
Bruxelas	3$10	3$13
Amsterdão	8$90	8$95
Berlim	5$25	5$35
Praga	—	—
Rio de Janeiro	2$35	2$45

O FALSO CONDE ALEMAO

A POLICIA Internacional julga ter um dos fios da meada

da falsificação de notas americanas

A Policia Internacional ainda não recebeu da Central de Viena, nem das policnas alemãs, informações ácêrca do dinamarquês Erich Carl Grossmann que, com um passaporte alemão falso, em nome do Conde de Gersdorff, foi preso em Faro, pelo agente Joaquim Bandeira.

Tambem a mesma Policia ainda não conseguiu, apesar dos esforços empregados, deitar a mão ao outro estrangeiro suspeito que com ele entrou em Portugal, e que desapareceu ao saber que as autoridades o procuravam.

O preso — que está no Aljube — interrogado varias vezes, continua a negar que tenha praticado qualquer crime. Mas a circunstancia de trazer um passaporte falso e as contradições que nas suas declarações se têm verificado, fazem com que o agente Bandeira — que é um dos nossos mais habeis «detectives», tendo ainda ha pouco obtido um grande triunfo na descoberta e na prisão dos gatunos da ourivesaria Lory — esteja convencido de que algum importante delito aquele individuo praticou para aparecer em Portugal foragido, em condições tão misteriosas.

Mas qual seria esse delito?

Nada se pode, por enquanto, afirmar de positivo. Mas não andaremos longe da verdade, se dissermos que as suspeitas da Policia giram sobretudo á volta de celebres e importantes falsificações de moeda.

Efectivamente, nos ultimos anos, a série de crimes dessa natureza tem sido formidavel.

Libras, marcos, francos, escudos, dolares, de tudo os falsarios têm atirado aos montões para o mercado internacional.

Mas, quasi sempre, as autoridades dos varios paises, em intima colaboração, têm conseguido deitar a mão a alguns dos principais culpados.

Ha algumas semanas, porém, que uma nova falsificação anda preocupando as varias policias, não só pela sua importancia, mas pela dificuldade que tem havido de encontrar os criminosos: a das notas americanas.

Os mercados europeus e americanos estão cheios de 50 e de 100 dolares falsos. E, por enquanto, ainda só se realizou uma prisão: a do polaco Jean Ihnat, detido pelos *gendarmes* em Saint Germain por vender a 500 francos notas falsas de 50 dolares.

Parece provado que as notas eram fabricadas na Russia e enviadas para a Alemanha, donde se fazia a distribuição para os paises do velho e do novo mundo.

O preso que está no Aljube veio fugido da Alemanha, em circunstancias mais que suspeitas. Fala russo admiravelmente. E foi-lhe apreendida uma lista de nomes e de moradas, da Europa e da America, tendo á frente quasi todos, misteriosas indicações que podem muito bem constituir a «senha» para as remessas de correspondencia ou de qualquer outra coisa. Alguns desses nomes fazem pensar a policia. Sobretudo este:

«Prinzen Windisch — Graetz — Wien — Jorn. 15 Sep.».

Porque o Principe Windisch-Graetz foi nada mais nada menos que um dos implicados naquela grande falsificação de francos, feita sob o pretexto de arranjar fundos para restaurar a Monarquia na Austria. Dá, realmente, que pensar esta coicidencia...

Por outro lado, no ultimo interrogatorio, o falso conde alemão, falando do seu companheiro que fugiu, deixou escapar:

— O americano ...

Ora, até agora, sempre o apontara como inglês, conforme o indica tambem o passaporte que a Policia tem em seu poder, passado em nome de George White.

No Hotel Louletano, onde se hospedou com o Grossmann, o misterioso personagem tambem deu um nome falso: o de Felix Salomon, acrescentando *americano*, e escrevendo na parte destinada á profissão, «Artista», depois de ter apagado a indicação «Engenheiro».

Tudo isto revela que a Policia teve razão em procurar prender os dois estrangeiros. E quem sabe lá se ela não terá na mão um dos fios da complicada meada da filsificação dos dolares?...

O baile de ámanhã na Liga Naval

Está despertando o maior interesse no meio mundano lisboeta o grande «bal de têtes» que, organizado por uma comissão de senhoras de sociedade, se realiza ámanhã na Liga Naval e cujo produto se destina á fundação da casa para filhos de condenados a pena maior.

Os poucos bilhetes que restam podem ser adquiridos no Aero Club e na casa H. de Oliveira, no Rossio.

MONUMENTAL CLUB

A'manhã

Inauguração dos Bailes de Mascaras

DUAS ORQUESTRAS

Estreia da formosa coupletista-dansarina

CONCHITA DE LEONARDO

E DA

ORQUESTRA FABRE

UM GRANDE FILME NO **São Luiz** **Multidão** A OBRA PRIMA DE KING VIDOR

UM ORIGINAL PORTUGUÊS

NO Teatro Nacional

representa-se amanhã

"Pégadas na areia„

A primeira representação dum original português constitue sempre um acontecimento no nosso meio teatral e, quando esse acontecimento se dá no Teatro Nacional Aldeida Garrett o interesse redobra. Desta vez a aumentar ainda esse interesse ha o facto de o original ser a primeira peça «a serio»—no proprio dizer dos autores—que Lourenço Rodrigues e Alvaro Leal apresentam em publico. Até aqui, têm andado de braço dado pelos meios alegres da revista e da farça, nunca se tendo abalançado a escrever uma peça que pudesse afrontar a luz da ribalta do nosso primeiro teatro de declamação. Apadrinhados pelo superior talento de Amelia Rei Colaço, que desempenha o principal papel, Lourenço Rodrigues e Alvaro Leal aparecem amanhã como autores duma peça declamada.

Fomos ao Nacional. Lá os encontrámos.

—Então o que é isto?—preguntámos.—Desertam do teatro musicado?

—Não senhor—responde-nos Lourenço Rodrigues.—Quizemos fazer uma comedia para D. Amelia Rei Colaço, cujo invulgar valor tanto apreciamos. Fizemo-la e, tendo-a apresentado ao Robles Monteiro, este não sei o que lhe achou que a quiz ensaiar... Que seja em desconto dos seus e dos nossos pecados...

—A peça é policial?

—Pelo titulo, parece...—diz-nos Alvaro Leal. Parece mas não é. Chama-se «Pégadas na areia» como se podia chamar «Eterno Feminino», «Eva» ou, no genero dos titulos modernos espanhois, «A Mulher que se supunha incapaz de amar um homem.»

—A acção da peça...

—Decorre na America; mas na America que todos conhecem dos jornais: aquela America dos arranha-céus, dos telefones, dos aviões, da telefonia sem fios.

—Porque não fizeram com que a acção se passasse em Portugal?

—Porque, sendo a nossa peça uma caricatura dos habitos modernos, só poderia desenrolar-se num meio em que a civilisação tivesse atingido o seu auge. Mas olhe que nunca estivemos na America...

—Não é uma farsa, pois não?

—Longe disso. E' uma comedia, a que poderemos chamar «charge» ou coisa parecida.

—E estão satisfeitos?

—Com a interpretação não podemos estar mais. O trabalho de Amelia Rei Colaço, que durante os três actos não sai de scena uma unica vez, é verdadeiramente extenuante e inegavelmente soberbo. Se a peça obtiver algum agrado, para ela devem ir todos os aplausos que aos autores queiram tributar.

—E da peça o que nos dizem?

—Do valor dela? Disso não nos cumpre falar... Só lhe podemos declarar que houve alguem de teatro—um «amigo» certamente—que, tendo assistido a um dos ensaios, disse á saída:—«A peça tem um 2.º acto tão bom que não «é deles com certeza»... Podemos, porém, afirmar-lhe que «é nossa e muito nossa». Nossa, não porque a comprassemos mas sim porque a fizemos nós com o maior carinho, scena a scena, frase a frase, absolutamente original e sem termos recorrido a qualquer decalque ou inspiração estranha. Estamos muito gratos a todos e em especial a Robles Monteiro que, alheando-se a numerosas intrigas de «bons amigos nossos», persistiu na ideia de pôr em scena uma peça original de dois «miseros revisteiros».

CONDES
MASCARA DE FERRO
OH!... BABY!...

A Cidade

HOJE—Soirée ás 21 horas
No ROYAL CINE
R. da Graça, 100—Tel. N. 6791
Ultima exibição da Super-Produção
MANOLESCO
Grandiosas festas de Carnaval
Fazem-se marcações

A ARTE DE RETRATAR

AS belas fotografias

expostas pelo artista

Alves de San Payo

Quando a fotografia é utilizada como processo de arte, saíndo dos moldes vulgares para servir uma sensibilidade requintada, merece tanta atenção como a pintura. E' o caso da fotografia praticada por M. Alves de San Payo, que, tendo um curso de Belas Artes, se dedicou á fotografia para a usar como expressão de arte, criando quadros de beleza, como são os retratos a que nos tem habituado, autenticos valores estimativos e decorativos.

Visitámos ontem o novo «atelier», de San Payo, na Praça Marquês de Pombal, 167, um rez-do-chão decorado de fórma moderna e que, fazendo esquecer o «balcão» de espera de freguez, tem um ar intimo de «élites», um ambiente de «casa de artista», evocando recordações de certos «cercles» parisienses.

No novo «atelier» de San Payo, que hoje se inaugurou oficialmente, admirámos uma galeria de antigos e novos trabalhos que colocam definitivamente o seu autor entre os grandes retratistas portugueses, retratista que se serve da fotografia com rara intuição e a valoriza com o seu lapis magico.

A exposição de San Payo é um friso maravilhoso de cabeças artisticas e aristocraticas, as cabeças mais belas e conhecidas da vida elegante de Lisboa, tratadas pelos processos mais modernos, como o bromoleo, simples ou transportado, e o brometo enobrecido, ou bromo-nobre.

E a par das belas cabeças de senhoras e das fortes impressões masculinas, admirámos deliciosos bébés que San Payo sabe surpreender com paciencia, fixando o melhor do seu encanto infantil.

E em todos os trabalhos se verifica a personalidade do artista viajado, que já triunfou nos dois mundos e que é dos raros, unico entre os profissionais portugueses, que tem a honra de figurar no Salão Internacional de Fotografia de Paris.

A homenagem que aqui gostosamente prestamos a Alves de San Payo é apenas um acto de justiça ao artista que soube elevar e enobrecer a fotografia, criando em Portugal um novo interesse pelo retrato e fazendo com que pelo seu «atelier» da Praça Marquês de Pombal desfilem todos quantos em Portugal figuram nos acontecimentos artisticos e mundanos.

Colegio do Campo Grande

Revestiu grande brilhantismo a festa que no ultimo sabado se realizou no Colegio do Campo Grande, a que assistiram, além das familias dos alunos, numerosos convidados.

As alunas Maria Helena Timoteo e Edite da Costa representaram «As rosas de todo o ano», fazendo-se ouvir pela primeira vez o Orfeon do Colegio.

Uma pequena bailarina de 7 anos, a menina Regina Pimentel, dançou alguns numeros de efeito.

Organizou-se depois um baile, que decorreu com grande animação.

Audição de alunos

No domingo, pelas 15 horas, realiza-se na Academia de Amadores de Musica a audição de alunos do distinto professor Artur Trindade, mestre de canto muito conhecido.

«Iodina medol»

Da casa Alfredo dos Santos, L.da, Praça D. Luiz, 9, 2.º, recebemos uma amostra de «Iodina-Medol», antiseptico usado com exito para o tratamento de golpes, queimaduras, etc.

ESCRITOR E DIPLOMATA

A VIUVA de Abel Botelho evoca para o 'Diario de Lisboa' a figura prestigiosa de seu marido

Conforme noticiámos, deve chegar no dia 25 ao Tejo o vapor «Mirandela», que conduz os restos mortais do escritor Abel Botelho, ha anos falecido em Buenos Ayres, onde ocupava o cargo de ministro de Portugal.

Foi a viuva do ilustre escritor quem promoveu o regresso dos restos mortais de seu marido, e porque neste caso, além das recordações sempre interessantes das viuvas dos escritores, pode a veneranda senhora informarnos sôbre o acto que se vai realisar, ousámos perturbar a sua amoravel tarefa para a ouvirmos numa rapida entrevista.

A sr.ª D. Virginia de Alcantara Pinto Guedes Botelho ostenta com nobre elegancia os seus sessenta anos e olhanos com inteligencia, movendo lentamente a sua cabeça prateada que um mundo de recordações povôa.

—O sr. Abel Botelho...

—Meu marido faleceu em Buenos Aires, em Abril de 1917.

—V. Ex.ª estava então...

—No Douro, numa quinta de familia onde ainda vivo, retirada da confusão da cidade, do mundo. Conservo porém esta casa onde passo curtas temporada e onde agora me encontro para assistir á trasladação.

«Meu marido foi diplomata apenas cinco anos, tantos quantos esteve em Buenos Ayres, e eu não cheguei a acompanha-lo.

Um momento de silencio, e nós olhamos a casinha da rua Maria, um quarto andar, pertinho do sol que entra pelas clareiras do telhado, inundando de luz os moveis habituados á solidão.

Mas, a viuva do autor das «Mulheres da Beira» prossegue:

—Os restos mortais de meu marido têm estado no Panteon Argentino e só o desejo de o trazer para a Patria me moveu a encetar deligencias nêsse sentido junto do antigo ministro em Buenos Ayres, sr. dr. Alberto de Oliveira, e mais tarde do actual ministro sr. Jorge Santos, que, auxiliado pelo consul sr. Pereira de Andrade, que foi secretario com meu marido, demoveu todas as dificuldades e recentemente me comunicou, em telegrama, a vinda da urna funeraria.

E acrescentou:

—Estou tratando com uma agencia funeraria a imediata condução da urna, logo que chegue o vapor, para o nosso modesto jazigo de familia no Alto de S. João, um jazigo já velho, gasto pelo tempo, tão gasto, que agora mesmo vou ao cemiterio tratar de o reparar, para o tornar mais digno de receber os restos do infortunado que escreveu o «Prospero Fortuna». Será mais um sacrificio material a juntar aos que estou fazendo, mas a memoria de meu marido será respeitada.

Procurámos desviar a conversa tentando obter da veneranda senhora algumas recordações da obra literaria do autor do «Livro de Alda», e de tantos livros admiraveis. Mas a sr.ª D. Virginia Botelho, toda entregue á sua piedosa tarefa de receber os restos mortais de seu marido, limita-se a dizer-nos que, não sendo o momento oportuno para uma evocação, nos daria recortes da imprensa de Buenos Ayres a quando da morte do escritor.

—Mas não sei onde estão, não sei...

Depois recordando, dá-nos a ultima noticia da entrevista:

Abel Botelho deixou inéditos, uma obra postuma que vai ser publicada para admiração dos que recordam o escritor português que morreu em Buenos Ayres.

O uso de lança-perfumes

Em virtude de ordens superiores, transmitidas ao sr. governador civil de Lisboa, foi permitido, em atenção á existencia provada de grandes «stoks» de lança-perfumes que ficaram do ano anterior, que os mesmos lança-perfumes possam ser usados em teatros, cinemas e casas particulares, durante o proximo Carnaval.

DE LUTO

José Norberto Nunes Rios

Faleceu hoje o sr. José Norberto Nunes Rios, tipografo, que contava 46 anos de idade, tendo feito parte de diversos quadros tipograficos de jornais da capital.

O seu funeral realiza-se amanhã, pelas 15, horas, saindo da Rua Sabino de Sousa, 71, para o cemiterio do Alto de S. João.

Francisco Matias Galinha

Faleceu hoje, nas Caldas da Rainha, o sr. Francisco Matias Galinha, agente do «Diario de Lisboa» e correspondente de varios jornais da capital, cuja morte foi muito sentida.

O seu funeral realiza-se ámanhã, pelas 12 horas.

Julgamento em Portalegre

Em Portalegre, respondeu ha dias José Martins Aço, arguido de ter burlado a Moagem Alentejana, L.da, em 30.000$00 e a firma Americo Cruz & C.ª, em 25.000$00.

Os queixosos e as testemunhas de acusação reconheceram no reu o proprio que falsificou os documentos para o levantamento daquelas quantias. O tribunal, atendendo ás razões alegadas pelo advogado de defesa, sr. dr. Mario Monteiro, e aos dois anos e meio de prisão já sofrida, condenaram o reu sómente em três anos, tendo, apesar disso, apelado da sentença.

«Cinegrafia»

Mais uma vez, a revista «Cinegrafia» publicou um excelente numero, com as melhores fotografias de artistas estrangeiras e uma escolhida colaboração literaria.

«O Português Popular»

Está publicado o n.º 3 do «Português Popular», interessante quinzenario para o povo e para as escolas, que é dirigido pelos professores Augusto Moreno e Antonio Figueirinha.

CAVEAU DU PÈRE FRANÇOIS
AUJOURD'HUI 21
BAL MUSETTE
JAVA Á CONCOURS
BRISTOL CLUB

Pelos teatros

«O Branco e o Preto»

O Teatro do Gimnasio continua a marcar o cartaz luminoso dos espectaculos de Lisboa. Em primeira representação, esta época, sobe hoje á scena a admiravel comedia de Sacha Guitry «O Branco e o Preto», que o nosso colega Alvaro de Andrade traduziu, e que em Paris, no «Teatre des Variétés» alcançou cêrca de quatrocentas representações. A comedia tem a seguinte distribuição:

«Madame Dunoyers», Lucilia Simões; «Peggy», Brunilde Judice; «Madame Massicand», Amelia Pereira; «Maria», Laura Fernandes; «Josefina», Lucinda Trindade; «Uma senhora», Adelina Campos; «Miguel», Erico Braga; «Jorge Clarkson», Joaquim Almada; «Timinion», José Monteiro; «Massicand», Samwel Diniz; «Dr. Leclere», Seixas Pereira; «Gerente», José Gambôa; «Criado», Constantino de Carvalho; «Artur», Francisco Sampaio; «Groom», Arlette de Oliveira.

«Tarari!»

Definitivamente, é amanhã que se efectua no Teatro Politeama, com a assistencia do seu autor, Valentim Andrés Alvarez, que dirá algumas palavras antes do espectaculo, a primeira representação da celebre sátira espanhola, em três actos, adaptação de João de Sousa Fonseca e Novais Teixeira, «Tarari!», aguardada pelo publico com a mais viva ansiedade. «Tarari!» que é, de facto, uma obra moderna, sem se assemelhar sequer com o novo reportorio norte-americano, vai ser interpretada pelos seguintes artistas: Maria Matos, Maria Helena, Gil Ferreira, Raul de Carvalho, Joaquim Prata, Henrique de Albuquerque, Octavio Bramão, João Guerra, Pedro d'Assunção, Artur Moura, Pestana de Amorim, José Balsemão, Joaquim Pacheco, Sebastião Ribeiro e Domingos Pereira.

Atrás do reposteiro

No Teatro Nacional efectua-se amanhã a primeira representação da peça «Pégadas na areia», original de Lourenço Rodrigues e Alvaro Leal.

—A revista «Cocottes de areia», original de Erico Braga, que sóbe á scena na proxima terça feira, 25, no Teatro do Gimnasio, é polvilhada com vinte numeros de musica. No final, o actor-cantor Sales Ribeiro, com toda a companhia em scena, cantará com letra adaptada, o celebre samba brasileiro «Vamo apanhá limão».

—Na festa do distinto actor Ribeiro Lopes, que no proximo domingo se realiza em «matinée», no Teatro Politeama, além da representação «O Ultimo Lord», apresentar-se-hão varios artistas e entre estes a festejada actriz Adelina Fernandes, que, com Sales Ribeiro, cantará «O fado da Rua», grande exito do Rio de Janeiro, de onde ambos acabam de regressar.

—Para os espectaculos de Carnaval, está em ensaios no Teatro Nacional a engraçadissima comedia francêsa «O botequim de Felisberto». Reaparece na interpretação desta peça o actor Leopoldo Frois.

—Mantem-se no cartaz do Teatro São João, do Porto, a comedia «O cabeleireiro de senhoras», grande exito da Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha.

—Ema de Oliveira, num dos espectaculos de Carnaval, no Trindade, além de varios numeros, vai reger uma das sinfonias executadas pela orquestra.

—A aplaudida revista «Zé Povinho», em scena no Teatro Variedades, completa hoje 100 representações. Os espectaculos desta noite, são em homenagem aos seus autores, começando as sessões ás 20,30 e ás 22, 45.

—A seguir ao Carnaval sobe á scena, no Teatro Nacional, a peça «Degredados», original da ilustre poetisa D. Virginia Victorino.

—A artista Conchita de Leonardo foi contratada para o Monumental Club.

—A actriz Maria Odette, regressada do Brasil, foi já contratada para uma Companhia de revistas.

—No Coliseu dos Recreios repete-se esta noite, nas duas sessões, o novo programa da Companhia de Arte Moderna, cuja apresentação constituiu ontem um grande sucesso. No domingo ha «matinée».

—No rapido de Madrid, chegou hoje a Lisboa o escritor espanhol sr. Valentin Andrés Alvarez, que vem assistir á estreia da sua peça «Tarari», no Teatro Politeama. Por parte da Sociedade de Autores era o sr. Valentin Andrés Alvarez esperado pelos srs. dr. Coutinho de Oliveira e Alvaro Leal, além dos empresarios Luis Pereira e Mendonça de Carvalho e do tradutor João de Sousa Fonseca.

Aonde passar o Carnaval?
No Palace Hotel do Bussaco,
Palace Hotel da Curia
e Hotel Astoria de Coimbra

AUTOMOBILES MINERVA

CONVITE

Aos Srs. automobilistas e ao publico em geral, para examinarem a maravilha da construção moderna em materia automobilista, um chassis **MINERVA 32 HP.,** carrossado por **VAN-DENPLAS,** em exposição no Stand da

AGENCIA DE AUTOMOVEIS, L.DA

26, Travessa de S. Mamede, 28 LISBOA

TEATRO AVENIDA

Tel. T. 5356—HOJE—A's 9 1/2 h.
Inauguração das Recitas de Carnaval
PELA
Companhia ADELINA-AURA ABRANCHES

1.ª representação, neste teatro, da celebre celebre comedia, adaptação de **Felix Bermudes, João Bastos** e **Hermano Neves**

O DOMADOR DE SOGRAS

Belo 2.° andar

LINDO e higienico, ao Conde Redondo, com 11 divisões bem decoradas, cede-se em boas condições. Trata-se na rua dos Correeiros, 53, 3.°

Sociedade Grafica Editorial

S. A. R. L.

Dividendo — 1929-1930

Por conta

O dividendo por conta do exercicio 1929-1930 á razão de Esc. 5$00 por acção, acha-se a pagamento contra o coupon n.º 1, desde 24 do corrente na casa bancaria Dias, Costa & Costa, 76, 78, rua Garrett, Lisboa.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1930.

Director Delegado
João da Cunha d'Eça

D. Maria do Rosario Silveira do Amaral

Missa do 7.° dia

Seus filhos, genros e netos mandam celebrar, ámanhã, 22 de Fevereiro, pelas 11 1/2 horas, na Igreja de S. Nicolau, e pelas 12 horas, na Igreja do Lumiar, missas de sufragio pela sua alma.

O Português Popular

QUINZENARIO

PARA SE FALAR BEM — PARA SE ESCREVER BEM

Directores: AUGUSTO MORENO e ANTONIO FIGUEIRINHAS

CADA N.° 1$00 — **Saiu o n.° 3.°**

VENDEM-SE em todos os quiosques de Lisboa

CHARGEURS REUNIS E SUD-ATLANTIQUE

Para o BRAZIL e RIO DA PRATA

LIPARI — Em 24 de Fevereiro, para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Aires.
EUBÉE — Em 13 de Março, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Serviço exclusivo de passageiros

LUTETIA — Em 3 de Março / **MASSILIA** — Em 24 de Março { **Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.**

Recebem-se passageiros de luxo, 1.ª, 2.ª classes e 3.ª preferencia, e 3.ª classe.

Para o HAVRE

AURIGNY, em 17 de Março

Para passagens, carga e esclarecimentos, trata se com os

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

COMPTOIR MARITIME FRANCO-PORTUGAIS, Limitada

Sucessor de DIOGO JOAQUIM DE MATOS

No PORTO	**Em LISBOA**
R. da Nova Alfandega, 7	Cais do Sodré, 32 a 38
Telefone 2926	Telefones Trindade 2292 e 2294

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21,30—«Pégadas na areia».
Trindade—A's 20,20 e 22,30—«Feira da Luz».
Gimnasio—A's 22.30—«O branco e o preto».
Apolo—As 21.—«Os Fidalgos da Casa Mourisca»
Avenida—A's 21,30—«O domador de sogras».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«O Zé Povinho».
Coliseu dos Recreios—A's 20,30 e ás 22,45—Nova companhia de circo.

ANIMATOGRAFOS

São Luiz Cine—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 ás 0,30.
Central Cinema—A's 21.
Cinema Condes—A's 21.
Chiado Terrasse—A's 21.
Odeon—A's 21.
Royal Cine, Rua da Graça, 100—A's 21,
Salão Ideal—A's 20,30.
Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina).—A's 20,30.
Eden Cinema—R. Alvito, Alcantara.

Dancing's

Maxim's—Baile e Variedades.
Bristol Club—Baile e Variedades.

TEATRO DA TRINDADE

A's 8 1|2 e 10 1|2 — Duas sessões
Companhia Cortense Luz
de que faz parte o actor Nascimento Fernandes
A gloriosa e popularissima revista

FEIRA DA LUZ

TEATRO APOLO

Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo
Hoje, Amanhã e Domingo

Três unicos espectaculos populares com as ultimas representações, neste teatro teatro, da celebre peça

Os Fidalgos da Casa Mourisca

TEATRO POLITEAMA

Tel. T. 5028—Amanhã—A's 9 1/2 h.
Inauguração dos espectaculos de Carnaval—1. representação da celebre satira

TABARI!

Na proxima semana: A revista em 1 acto, de Carnaval

MARCHA ATRAZ...

Avenida Stand Ltd.
57, Rua Jardim do Regedor, 59
Tel. T. 5054
Sortimento de accessorios para automoveis, peças, pneus e ferramentas.

ESTRANGEIRO

MADAME
Tem brancos os seus cabelos? não está contente com as tintas que tem aplicado? faça uma visita ao
Golden Palace
Praça dos Restauradores, 11, s|l—Tel. T. 3115

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

A crise francesa

PARIS, 21

O sr. Chautemps continuou durante toda a noite as suas conversações, podendo o gabinete considerar-se virtualmente constituido. Assim, na presidencia ficaria o sr. Chautemps que teria tambem a seu cargo a pasta do Interior, para a Justiça iria o sr. Steeg, para os Estrangeiros, Briand; para a Guerra, Bernard; Marinha, Sarraut; Finanças, Dumont ou Lamoureux; Instrução, Daladier; Comercio, Flandin; Trabalhos Publicos, Durand; Agricultura, Queuille; Colonias, Pietri; Trabalho, Loucher; Marinha Mercante, Daniélou; Correios e Telegrafos, Bonnet; Aviação, Laurent Eynac; Pensões, Ricolfi.

Os srs. Flandin, Pietri e Ricolfi, republicanos da esquerda, antes de aceitarem definitivamente, deverão obter autorização do seu grupo.

Os jornais mostram-se satisfeitos pela rapidez com que o sr. Chautemps decidiu a crise, resolvendo multiplas dificuldades e consideram-no como um homem de multiplos recursos e cujo Govêrno inspira confiança. Receiam, no entanto, que a ausencia de Tardieu com a sua inteligencia e prestigio diminua a estabilidade e viabilidade do Govêrno.

O grupo de republicanos da esquerda da Camara dos Deputados recusou ao sr. Chautemps o seu concurso.

O grupo social radical, compreendendo o sr. Franklin Bouillon, o qual devia receber uma pasta na combinação Chautemps, recusou a oferta em consequencia do apoio socialista.

O sr. Chautemps conversou durante meia hora com os srs. Briand e Buisson e depois dirigiu-se ao Elyseu de onde saiu ao meio dia e um quarto, tendo declarado á imprensa que a solução da crise sofre um ligeiro atraso. — (H.)

Dr. Armando Narciso
Clinica medica
P. dos Restauradores, 48, 1.º
Telef. 2756 T.

Joaquim da Silva Pimenta

FALECEU

Lucia da Encarnação Fernandes da Silva Pimenta, Madalena Ernestina Fernandes da Silva Pimenta, Carlos da Silva Pimenta, sua mulher Antonia Rueda Pimenta e seu filho Mario Rueda da Silva Pimenta e mais familia participam o falecimento do seu muito querido e saudoso pai, sogro, avô, tio, primo e padrinho, cujo funeral se realisa ámanhã, 22, pelas 11 horas, da sua residencia, Rua da Saudade, 43-1.º, para o seu jazigo no Alto de S. João.
Não se fazem convites especiais.

Trata Agencia Gil.

CARTA DE BRUXELAS

A questão linguistica na Belgica

BRUXELAS, Fevereiro — A questão linguistica está na sua fase culminante. A discussão provocada por ela no Parlamento, tem decorrido com uma elevação e uma serenidade que são de bom augurio. A'parte duas ou três vozes agressivas, atrabiliárias, todas as outras têm sido de larga conciliação, de franco e bem entendido patriotismo..

Nesta grave questão, como em tantas outras, os partidos politicos belgas têm dado ás mais civilizadas nações da Europa, admiraveis lições de civismo. Nenhum desess partidos teve a veleidade de avolumar as suas forças eleitorais assumindo posições irredutiveis, em detrimento do interesse nacional. Pelo contrario a unica preocupação manifestada por eles até agora, foi a de construir sucessivas «pontes de passagem», de facilitar a solução positiva e duradoura de um problema complexo que mantem neste momento desunidos incompatibilizados, walões e flamengos.

«Problema complexo», escrevi eu. «Gravissimo», devia ter escrito. Problema que, se não tiver uma solução rapida e habil, póde num futuro proximo conduzir o povo belga ao fraccionamento da nacionalidade. Problema criado pelo desejo de hegemonia das duas raças que constituem, em partes aproximadamente iguais, a população deste pequeno mas activo país. Problema angustioso para os verdadeiros patriotas a quem a possibilidade da Flandres se desprender — excitada na sombra pelos inimigos externos da Belgica — do bloco nacional faz antever o risco da incorporação da Wallonia no territorio francês.

Até agora, quer no ensino superior, quer no Parlamento, a lingua preponderante, a lingua adoptada era o francês. Os funcionarios saidos das escolas com uma cultura formada nessa lingua e disseminados ao acaso por todo o país só numa percentagem diminuta conhecem o flamengo satisfatoriamente. Colocados na região onde o povo, tradicionalista, só fala o dialecto flamengo — que é uma deformação do alemão aproximada do holandês — eles não se entendem muito bem com os respectivos habitantes, de quem divergem quanto aos costumes, quanto á lingua e quanto á mentalidade.

Nos proprios tribunais instalados na Flandres a parte redactorial dos processos e mesmo os interrogatorios, são feitos em francês, salvo se os interessados, invocando o desconhecimento desse idioma, exigem que seja empregado o dialecto que lhes é peculiar. E' evidente que, quer os juizes, quer as outras entidades constitutivas dos tribunais, tendo recebido uma instrução secundaria e superior em francês, só forçados por circunstancias imperiosas fazem uso de um dialecto que conhecem, quanto conhecem, muito pela rama.

No exercito dá-se o mesmo caso. A instrução militar dos recrutas é ministrada, na generalidade, tambem em francês. Mas ha uma agravante: é que, como os govêrnos, por medida de precaução, evitam a existencia na Flandres de unidades compostas exclusivamente de soldados da região, os flamengos. fazem a sua preparação militar na Wallonia, num ambiente muito distinto daquele a que estão habituados, num ambiente a cujo poder de absorção eles resistem, por orgulho, tanto quanto podem.

* * *

Evidentemente, esta desigualdade, esta situação de subalternidade, não podiam agradar ao povo flamengo. Os seus protestos contra o «regime opressivo» a que o sujeitam os elementos waalões são recentes, foram iniciados antes da guerra, embora sem assomos de violencia. Mas, durante a guerra, os alemães, com a sua habitual astucia, trataram de excitar e engrandecer o limitado grupo de activistas que defendia então, a todo o transe, a ideia absurda da independencia politica da Flandres.

Sabe-se que, durante a ocupação alemã, exercida nas grandes cidades com intransigente rigor e nas aldeias fronteiriças com excessiva ferocidade, os belgas estiveram privados de todos os seus direitos civicos e submetidos a uma vigilancia policial continua e desportica. Durante esse periodo tragico, cessaram para eles a liberdade de imprensa, a liberdade de associação e a liberdade de reunião.

Pois os alemães permitiram, melhor dizendo, provocaram a constituição do famoso «conselho da Flandres», especie de govêrno provisorio de um projectado estado, destinado a scindir a Belgica, a separar os flamengos, de mentalidade quasi completamente germanica, dos walões, imbuidos de cultura latina e nitidamente afectos á França. O «meneur» desse movimento separatista, que nenhuma razão historica justifica, foi um homem ambicioso, de moralidade multas vezes posta em duvida, mas dotado de uma energia invulgar e de um poder de persuasão incontestavel — o professor primario Borms.

Mesmo admitindo a hipotese de que esse homem agiu com a exaltação peculiar áqueles que se crêm iluminados, mesmo considerando como verdadeiras as suas repetidas e veementes afirmações de que se limitou a defender a honra, os interesses e os direitos do povo flamengo, não se pode esquecer que ele requereu ou, pelo menos, aceitou a colaboração e o apoio dos invasores da Belgica, da onda de vandalos que martirisaram, violentaram e assassinaram a população indefesa de um país cuja neutralidade tinham garantido num documento diplomatico.

Em todos os países ha trampolineiros habeis para quem os homens de boa-fé, geralmente idealistas, são uma presa facil. Exagerando os inconvenientes e a injustiça do predominio dos walões na vida administrativa e politica da Belgica, não foi dificil aos primeiros arregimentar em volta da bandeira separatista um nucleo avultado e entusiasta dos segundos. Ninguem lhes disse que eles podiam exigir do poder legislativo e do poder executivo, após a guerra, um conjunto de medidas colocando-os numa situação de perfeita igualdade perante os walões. O que fizeram foi insinuar-lhes que da aliança franco-belga, da industrutivel amisade dos walões pelos franceses, podia resultar um dia a adopção da Belgica pela França.

E' claro que, avultando essa artificial mas horrivel perspectiva numa época em que ninguem podia prever a vitoria dos aliados e dando a perceber — pela atitude condescendente mantida pelos delegados do Kaiser perante os manejos dos chefes activistas — que os alemães estavam longe de contrariar a ideia da transformação da minuscula Flandres em nação, os flamengos autenticos, com um espirito de raça que se mantem impoluto em todas as vicissitudes, acolheram com simpatia a propaganda dissolvente de Borms e dos seus lugares-tenentes.

O erro do govêrno belga, ao retomar o territorio nacional na sua plenitude, consistiu em julgar, em enclausurar esse agitador, em vez de impedir a continuação dos seus manejos. O erro dos walões e principalmente dos jornais redigidos em lingua francesa foi de atribuir ao movimento separatista, uma extensão, uma importancia que ele não possuia; foi imputar á Flandres inteira a responsabilidade de um delito que, em boa verdade, fôra praticado apenas por alguns dos seus habitantes.

A primeira atitude transformou Borms, criatura sem renome, de insignificante prestigio, num homem popular e num martir, numa vitima corajosa das suas pretensas ideias de redenção. A segunda deu origem, como era de prever, a um movimento de reacção da parte dos flamengos — mesmo daqueles que se mantinham apáticos — que principiaram então a marcar mais nitida e ruidosamente, a sua incompatibilidade com os walões.

* * *

Os atritos foram-se acumulando, as intransigencias tornaram-se cada vez mais salientes. A campanha activista amplificou-se, adquiriu formas mais audazes e brutais. Borms e os seus escolitas aproveitaram habilmente, em beneficio da sua empresa, a atmosfera anti-walona, tornada extremamente densa na Flandres. Borms, retido na cadeia, passou a ser um idolo, a receber homenagens e presentes, como se fosse um verdadeiro Messias. Num dado momento rompeu mesmo na Flandres uma campanha tempestuosa, tendente á sua libertação. Os comunistas, fieis á sua perfida politica de desagregação nacional, deram a essa campanha o apoio das suas forças, que, diga-se de passagem, não são aqui muito para temer. E por fim o govêrno, já preocupado com a extensão do movimento activista, abriu a Borms as portas da prisão, dando assim uma prova eloquente do seu desejo de acalmar os espiritos superecitados na Flandres.

O resultado deste acto contemporizador foi a recrudescencia da agitação anti-flamenga na Walonia. O govêrno começou a ser acusado por uns, de parcial e por outros de excessivamente debil e medroso. No proprio parlamento, o embate dos antagonistas foi durante alguns dias anormalmente duro. O gabinete do sr. Jaspar — formado por liberais e catolicos — demitiu-se em consequencia das divergencias, suscitadas entre os seus membros, a proposito da questão linguistica. Durante uma semana a crise ministerial foi considerada como dificilmente solucionavel. Por fim, o bom-senso, a serenidade e o patriotismo inatos nos belgas realizaram o milagre necessario; o sr. Jaspar retomou o poder, uma «entente» foi estabelecida entre os principais grupos parlamentares e a questão assumiu um aspecto mais viavel, menos brumoso.

Os flamengos vão ser atendidos. O ensino secundario e superior ser-lhes-ha ministrado de futuro no seu dialecto. A flamendização da Universidade de Gand tornar-se-ha em breve um facto. Os soldados de origem flamenga serão comandados e instruidos militarmente em flamengo. O parlamento não tomou ainda resoluções definitivas neste sentido. A discussão prossegue em detalhe. Mas o ambiente, quer na Camara dos Representantes, quer no país, é já nitidamente auspicioso. Ha de parte a parte, finalmente, um evidente desejo de conciliação. O interesse nacional suplantou as paixões regionais, vai com certeza reduzi-las á impotencia. Resolvida a questão linguistica, o activismo, o separatismo, o anti-patriotismo, morrerão na Belgica. E não haverá perfidias dos inimigos da Belgica que os façam ressuscitar.

VITOR FALCÃO

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

Conferencia naval

LONDRES, 21

Apesar da lista dos membros do novo Governo francês, que o sr. Chautemps «leader» do grupo parlamentar radical socialista está formando, estar ainda incompleta esta manhã, afirma-se que Briand que continuará na pasta dos Estrangeiros, voltará á Conferencia Naval como chefe da delegação francesa, e os seus colaboradores serão Albert Sarraut, que tomou parte na conferencia de Washington, Pietri e Danielou, presidente do grupo parlamentar a que pertence Briand.

Não obstante a conferencia se encontrar adiada até á proxima quarta feira, os peritos continuam a examinar diariamente a questão dos navios especiais que não podem ser classificados nitidamente como pertencendo a uma categoria definida, esperando-se que completarão o relatorio a apresentar á primeira comissão, até ao dia em que a conferencia recomece os seus trabalhos.—(H.)

A conferencia aduaneira

GENEBRA, 21

Na sessão de ontem da conferencia aduaneira, os delegados da Suiça, Estonia, Portugal, Holanda, Hungria, união belgo-luxemburguesa, Colombia e Jugo Eslavia expuzeram as suas teses que em geral fôram favoraveis ao principio da tregua aduaneira.

A delegação francesa apresentou á mesa da Conferencia uma exposição sôbre o produto relativo á criação de um mercado europeu reservando a intervenção do futuro ministro delegado á proxima sessão plenaria.

Concluindo a discussão preliminar, verificou-se que 21 Estados são favoraveis á tregua, dos quais 13 sob condições, tendo a conferencia resolvido nomear duas comissões, uma para examinar o projecto da tregua sôbre a base do ante-projecto apresentado pela comissão economica e a outra encarregada do programa das negociações ulteriores.—(H.)

A hora da Aviação

DAKAR, 21

O Conde de la Vaulx, Presidente da Federação Aeronautica Internacional que se dirige para a America do Sul pela linha aerea da «Aero-Postale», acaba de chegar a Dakar, tendo efectuado o percurso Toulouse-Dakar (4.695 quilometros) em 27 horas e 40 minutos, seja á média comercial, escalas compreendidas, de 170 quilometros á hora.

O percurso Toulouse-Casablanca, em particular, foi efectuado em 8 horas e 20 minutos, seja á média horaria comercial de 222 quilometros, a bordo dum dos novos aviões muito rápidos que a Companhia Générale Aéropostale acaba de pôr em serviço nesta linha.

MARCA REGISTADA
Zéca Morgado
São os VINHOS DO PORTO preferidos pela Elite.

ODEON Colossal exito
da grande super-produção
Coração ardente
A comedia frivola
Eterna Vencedora

ULTIMAS NOTICIAS

OFICINA
Santos Irmão
defronte do Governo Civil
Pintura e Decoração
em todos os generos
Telef. C. ?736

A SITUAÇÃO POLITICA EM ESPANHA

Garcia Prieto e Alexandre Lerroux fazem declarações ao Diario de Lisbôa

GARCIA PRIETO

(Do nosso enviado especial)

MADRID, 19 — Garcia Prieto é o Marquês de Alhucemas. Como chefe do partido democratico, está na extrema esquerda dos conservadores. Recebeu-me de manhã. Passava do meio dia e havia obras na sua casa, tão scenografica como decorativa. O sr. Marquês de Alhucemas, cincoenta anos, alto, elegante, duma amabilidade franca, de padrão inglês, atravessa duas salas para vir ao meu encontro. No seu escritorio, escolhe para se sentar um alto cadeirão, de veludo escarlate, oferecendo-me um «maple». Por detraz de mim, ficou um lindo retrato de rapariga. Não é nenhuma «nina» de Velasquez.

Deve ser a filha do Marquês — marquezinha de sonho e nacar, que sorri. Garcia Prieto, tem na sua vida politica uma particularidade interessantissima. Era chefe do govêrno, quando em 1923 Primo de Rivera marchou de Barcelona a Madrid, implantando a Ditadura. Porque se teria dado o movimento? Eis a chave do problema — chave que o meu entrevistado me entrega como uma revelação preciosa, dizendo:

—Não «queriam» que se reunissem as côrtes, que estavam convocadas para o primeiro de Outubro

Sentimos a delicadeza e a transcendencia do assunto para insistirmos nele. Procurámos na realidade da hora, campo para o dialogo. A fatal interrogação:

—Ha que revogar por inteiro a obra do ditador?

— Tudo quanto se fez contra a constituição e contra as leis votadas pelo Parlamento. E' preciso examinar as disposições que, conformando-se aparentemente com a legalidade constitucional, significam dano para o país ou protecção imoderada a entidades ou pessoas.

— Parece-lhe que a Constituição de 1876 deve ser modificada?

— Na minha opinião deve aceitar-se a Constituição como ponto de partida. «Realizadas as eleições por sufragio universal, conforme as leis em vigor, deve propôr-se imediatamente ás novas côrtes a modificação da Constituição.

— Para quando as côrtes?

— Devem reunir-se ainda este ano. Mas antes ha que restabelecer os direitos dos cidadãos, para que se possa fazer livremente a propaganda de todos os credos, politicos, preparando assim as eleições municipais e provinciais...

— O que nos diz sôbre o regresso á normalidade?

— Vejo com satisfação que se tem feito com rapidez a restauração da vida juridica, mas ha ainda muito a fazer. Espero que se prossiga nesse caminho sem vacilações, nem demoras.

Aqui, o Marquês de Alhucemas marca uma pausa, para afirmar com singular energia:

— E' preciso que o Govêrno dê conhecimento ao país, mas sinceramente, do estado lamentavel da administração publica...

— Para qual dos regimens se inclina a Espanha: Monarquia ou Republica?

— Creio que a grande maioria da nação é monarquica, constitucional e parlamentar. E' esta a bandeira que defenderei nas eleições, numas eleições sinceras que todos devem apoiar.

— A vida das futuras côrtes não será dificil? Ha agora tantos agrupamentos politicos?

— De facto, ha muitos, mas após as eleições terão necessariamente que agrupar-se formando dois grandes nucleos...

— Quais...

— Conservador e liberal.

— Quere dizer-me alguma coisa sôbre a obra financeira da Ditadura?

— Apenas isto: que foi deploravel!

E o sr. Marquês de Alhucemas dá por terminada a entrevista, acompanhando-nos, grande de Espanha, até á porta da rua, onde ao despedir-se nos recomenda que apresentemos os seus cumprimentos ao embaixador de Portugal, destacando esta frase:

— Um grande diplomata e um grande amigo!

As declarações de Lerroux

MADRID, 20 — Uma das figuras da politica espanhola mais conhecidas em Portugal é Alexandre Lerroux. Confesso que quando a mão amiga do meu camarada Novais Teixeira me levou até á casa do famoso caudilho republicano, fiquei surpreendido com a sua presença. Ouvindo ha tantos anos o nome vermelho de Alexandre Lerroux, cuja hora parece ter chegado, enfim, estava convencido de ir encontrar um velho romantico, de tipo antigo, envolto em recordações, e já retirado. Mas não! E' um homem forte, sádio de côr, e vigoroso apesar dos seus cabelos brancos queimados na luta das ideias. Adivinha-se que veiu da plebe, educando-se a si proprio á fôrça de inteligencia e de persistencia. Ha três anos tirou o curso de advogado. Isto, talvez, explique o palacete onde móra, para lá do Retiro, numa rua feia e banal de Madrid.

Lerroux trabalha até tarde. Quando entrámos no gabinete dele acabava de escrever um artigo para a *Libertad*, cuja copia enviou a Sanchez Guerra. No decorrêr da entrevista feita sob a égide do busto malicioso de Voltaire, o leitor saberá porquê. Impossivel reproduzir na integrga o que ouvi. Vão as frases destacadas e, o actual momento politico de Espanha será nitida e claramente compreendido. Interrogo:

— A que se deve a mudança na vida do regime?

Encara-me Lerroux. Está sentado. Os seus olhos, creio que azuis, faiscam através dos oculos. Pitorescamente explica:

— A situação era como uma rôlha, flutuando no mar, que as ondas levam, trazem, e acossam de todos os lados. O nada na imensidade! O exercito estava insatisfeito, os civis ainda muito mais.

— Foi então que o rei, compreendendo...

Entre grave e sorridente:

— O rei, por instinto de conservação, criou um sentido politico superior ao dos seus servidores. Atacou o perigo, deitando carne ás féras. Quero dizer, retirando o poder a Primo de Rivera.

Lerroux fala-nos serenamente. Não se exalta, nem se comove. Parece um cirurgião extirpando um tumôr. Torna-se ainda mais incisivo quando lhe falo dos anos de 1923 a 30.

— Em todos os «estilos», a obra foi má. E é tanto mais para lamentar, visto que o governante teve tudo á sua disposição para fazer feliz um povo. Falhou por falta de capacidade e de realidade da hora.

Continuamos.

Cabe-me agora a vez de falar, cortando a palavra a Lerroux, que encadeia as frases com riqueza, verdade e até brilho literario:

—A Constituição de 1876?

— Um grande traço negro sôbre ela. Oprimiu a Nação. A ela se devem as catastrofes colonial, de Marrocos, economica, e agora o interregno politico.

— Então?

— Havia que convocar umas Côrtes para elaborarem uma nova Constituição...

—E' esse o parecer da maioria dos partidos.

Uma projecção para o futuro:

— Sim, será, mas as Côrtes Constituintes não chegarão a formar-se.

Grande surpreza do jornalista.

—Ha alguem que não quere. Resistirá! Os acontecimentos, em face dessa atitude, terão que se precipitar.

—Mas as classes conservadoras?

—Tanto lhe faz um regime como outro, porque os seus interesses não são afectados.

ALEXANDRE LERROUX

— E as esquerdas? Ha quem diga que estão divididas...

— Não estão divididas, o que não estão é organizadas.

Lerroux explana o seu pensamento:

— Ha falta de disciplina e uma grande crise de homens. Qualquer afortunado da politica ou da pena considera-se um chefe. Precisamos de integrar nos partidos uma maioria republicana que anda dispersa e socorrermo-nos dos tecnicos da politica, embora valham menos que os intelectuais.

— Como consegui-lo?

Fala o chefe da denominada: *Aliança Republicana.*

— Pela frente unica, com os socialistas que trazem consigo as organizações operarias. Temos que fazer um bloco. Que venham os monarquicos que perderam a fé no regime. Sanchez Guerra...

— Sanchez Guerra, a grande incognita, o ponto capital da politica espanhola.

— Não quero que um homem que serviu quarenta anos a monarquia a insulte, mas quero que seja claro.

— A sua anunciada conferencia será uma desilusão para os republicanos?

— Talvez! Guerra reserva-se para o futuro? Sei a quem disse: «se as Côrtes se decidirem pela Republica, aceito a sua vontade. Mantendo-se o que está, retiro-me da politica». Mas isso não basta; é preciso que ela diga claramente qual dos dois regimens prefere.

Ha que terminar. A entrevista, sempre interessante, tornou-se uma conversa animada e com réplicas. Condensemo-la nos seus pontos essenciais.

— Como encara a Republica? Federativa?

— Em doutrina, sou por uma Republica Federativa, mas aceito qualquer.

Faz-se uma pregunta, facil de supôr:

— Portugal!... Mas podiamos fazer lindas coisas! Um concerto intelectual! Iriamos até á abolição das fronteiras, se quizessem. Em duas palavras: Fraternidade e intimidade.

Ha que acreditar em Lerroux e olhar para ele como se fôsse o futuro. Foi com esta impressão que saímos de sua casa.

ARTUR PORTELA

MADRID, 21. — O Conde de la Mortera, D. Gabriel Maura, fez uma conferencia em San Sebastian, de analise á obra da Ditadura.

A certa altura, o filho de D. Antonio Maura disse que, apesar de ter vivido sempre num ambiente monarquico, se as Côrtes se pronunciarem pela Republica, ele não tem duvida nenhuma em acatar a votação. — (E.)

A excursão

dos quintanistas de Medicina

MADRID, 21. — Os quintanistas da Faculdade de Medicina de Lisboa, que continuam a ser entusiasticamente recebidos por toda a parte, visitaram hoje os hospitais de S. João de Deus e do Menino Jesus, e a Faculdade de Médicina, onde o professor dr. Moreira Junior fez uma notavel conferencia.

Teatro Nacional
Devido aos trabalhos da montagem do pano de ferro, a primeira representação da comedia "Pégadas na areia", de Lourenço Rodrigues e Alvaro Leal, ficou transferida para amanhã, sabado.